

Maio de 68

por Alain de Benoist

infoinconformista.blogspot.com - 1 de Novembro de 2008

«A comemoração do Maio de 68 repete-se a cada dez anos, com a mesma maré de livros e artigos. Estamos no quarto episódio, e os combatentes das barricadas do "bonito mês de Maio" têm hoje idade suficiente para ser avôs. Quarenta anos depois, volta-se a discutir o que ocorreu exactamente nesses dias — se é que ocorreu alguma coisa. Foi o Maio de 68 um catalisador, uma causa ou uma consequência? Inaugurou ou acelerou simplesmente a evolução da sociedade que haveria de ocorrer de qualquer maneira? Piscodrama ou "mutação"?

França tem a fórmula das revoluções curtas. O Maio de 68 não escapou à regra. A primeira "noite de barricadas" teve lugar dia 10 de Maio. A greve geral deflagrou a 13 de Maio. A 30 de Maio o general De Gaulle pronunciou a dissolução da Assembleia Nacional, enquanto um milhão dos seus partidários desfilava pelos Campos Elísios. A partir de 5 de Junho, o trabalho recomeçou nas empresas e algumas semanas mais tarde, nas eleições legislativas, os partidos de direita conquistaram uma vitória em forma de alívio.

Sobre outros episódios que decorreram na mesma época pela Europa, notam-se desde logo duas diferenças. A primeira: em França, o Maio de 68 não foi apenas uma revolta estudantil. Foi também um movimento social, por ocasião da paralisação do país provocada por dez milhões de grevistas. Convocada para 13 de Maio pelos sindicatos, assistiu-se à maior greve geral de sempre registada na Europa.

A outra diferença é a ausência de um prolongamento terrorista do movimento. Em França não se conheceram fenómenos comparáveis aos que tiveram lugar na Alemanha com a Fracção do Exército Vermelho (RAF) ou em Itália com as Brigadas Vermelhas. As causas desta "moderação" foram objecto de numerosos debates. Lucidez ou cobardia? Realismo ou Humanismo? O espírito pequeno-burguês que dominava já a sociedade é sem dúvida uma das razões pelas quais a extrema-esquerda francesa não desaguou no "comunismo combatente".

No entanto, efectivamente, não se pode compreender o que se passou em Maio de 68 sem dar conta que, por ocasião desta data, dois tipos de aspirações totalmente diferentes se exprimiram. Na sua origem movimento de revolta contra o autoritarismo político, o Maio de 68 foi primeiro que tudo, inegavelmente, um protesto contra a política-espectáculo e o reino do mercado, um regresso ao espírito da Comuna, uma tomada de posições em forma de oposição radical aos valores burgueses. Este aspecto não foi antipático, mesmo que se misturassem muitas referências obsoletas à ingenuidade juvenil.

O grande erro terá sido acreditar que atacando os valores tradicionais se poderia lutar melhor contra a lógica do capital. Isto era ignorar que estes valores, como tudo o que ainda resistia das estruturas sociais orgânicas, constituíam o último obstáculo ao expansionismo planetário desta lógica. O sociólogo Jacques Julliard fez a propósito uma observação pertinente quando escreveu

que os militantes do Maio de 68, quando denunciavam os valores tradicionais, não se aperceberam que esses valores (honra, solidariedade, heroísmo) eram praticamente os mesmos do socialismo, e que, suprimindo-os, abriam caminho ao triunfo dos valores burgueses: individualismo, calculismo e eficácia.

Mas houve também outro Maio de 68, de inspiração estritamente hedonista e individualista. Longe de exaltar uma disciplina revolucionária, os seus partidários queriam antes de tudo "proibir o proibir" e "gozar sem entraves". Desde logo deram contra que não era fazendo a revolução nem colocando-se ao "serviço do povo" que poderiam satisfazer esses desejos. Pelo contrário, compreenderam rapidamente que os seus desejos seriam mais seguramente satisfeitos dentro de uma sociedade liberal permissiva. Aliaram-se naturalmente ao capitalismo liberal, o que proporcionou a muitos deles grande número de vantagens materiais e financeiras.

Instalados actualmente nos estados-maiores políticos, nas grandes empresas e nos grandes grupos editoriais e mediáticos (os soixante-huitards) renegaram praticamente tudo o que acreditavam, não mantendo do seu compromisso juvenil mais do que um sectarismo inalterado. Aqueles que queriam empreender uma "longa marcha contra as instituições" acabaram por se instalar comodamente. Defensores da ideologia dos direitos humanos e da sociedade de mercado, são estes renegados que hoje se declaram "anti-racistas" para fazer esquecer que já nada têm que dizer contra o capitalismo. É também graças a eles que o espírito "bo-bo" ("burguês-boémio", ou seja, liberal-libertário) triunfa por todo o lado, enquanto o pensamento crítico se encontra mais marginalizado que nunca. Neste sentido, não é exagerado dizer que foi finalmente a direita liberal a vulgarizar o espírito "hedonista" e "anti-autoritário" do Maio de 68. É o próprio Nicolas Sarkozy, graças ao seu estilo de vida, que surge como um perfeito "soixante-huitard".

Simultaneamente, o mundo mudou. Nos anos 60 a economia era florescente e o proletariado descobria o consumo em massa. Os estudantes não conheciam a SIDA nem o medo do desemprego, e a questão da imigração nem sequer se colocava. Tudo parecia possível. Hoje, é o futuro que parece fechado. Os jovens não sonham mais com revoluções. Querem um emprego, uma casa e uma família, como todos os outros. Ao mesmo tempo, vivem na precariedade e interrogam-se sobretudo se encontrarão um emprego após os estudos.

Em 1968, nenhum estudante vestia calças de ganga e os slogans "revolucionários" que floresciam sobre os muros não tinham nenhum erro ortográfico! Sobre as barricadas, onde se reivindicavam velhos modelos (a Comuna de 1871, os conselhos operários de 1917, a revolução espanhola de 1936), ou exóticos (a "revolução cultural" maoísta), ao menos militava-se por algo mais que o conforto pessoal. Hoje, as reivindicações sociais têm um carácter puramente sectorial: cada categoria limita-se a reclamar melhores salários e melhores condições de trabalho. "Dois, três, muitos Vietnames"; "Incendiemos a planície", "Hasta la libertad, siempre": tudo isso, evidentemente, já não nos faz bater os corações. Ninguém mais luta pela classe obreira em geral, tão pouco.

O sociólogo Albert O. Hirschman afirmava que a história vê alternar os períodos em que dominam as paixões com períodos em que dominam os interesses. A história de Maio de 68 foi a de uma paixão que se dissolveu num jogo de interesses.»

Alain de Benoist, 25 de Abril de 2008